



**A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE
FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS
III CONGRESSO DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR
II CONGRESSO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE E
RAPS**

LIVRO DE MEMÓRIAS

VOLUME 1



Autores:

Maycon Leandro da Conceição
Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior
Taís Bleicher
Simone Peixoto Conejo



A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE
FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS
III CONGRESSO DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR
II CONGRESSO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE E
RAPS

LIVRO DE MEMÓRIAS

VOLUME 1



Autores:

Maycon Leandro da Conceição
Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior
Taís Bleicher
Simone Peixoto Conejo

Editora Omnis Scientia

**A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE FRENTE AOS
DESAFIOS ATUAIS**

III CONGRESSO DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR

II CONGRESSO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE E RAPS

LIVRO DE MEMÓRIAS

Volume 1

1ª Edição

TRIUNFO - PE

2022

Editor-Chefe

Me. Daniel Luís Viana Cruz

Autores

Maycon Leandro da Conceição

Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior

Taís Bleicher

Simone Peixoto Conejo

Conselho Editorial

Dr. Cássio Brancaloneo

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior

Dr. Wendel José Teles Pontes

Editores de Área - Ciências da Saúde

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dra. Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira

Dr. Leandro dos Santos

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dr. Marcio Luiz Lima Taga

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Canva

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.



Universidade Federal de São Carlos

Rod. Washington Luís km 235 - SP-310 - São Carlos

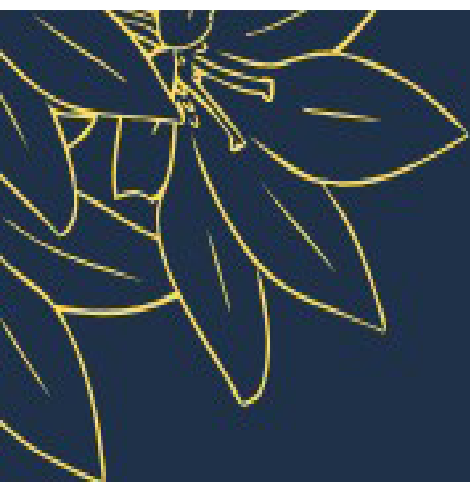
CEP 13565-905 <https://www2.ufscar.br>

A importância da interdisciplinaridade frente aos desafios atuais

III Congresso de Saúde Mental da UFSCar

II Congresso Internacional Universidade e RAPS

Livro de memórias



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

- I34 A importância da interdisciplinaridade frente aos desafios atuais : volume 1 [recurso eletrônico] / Maycon Leandro da Conceição ... [et al.]. — 1. ed. — Triunfo : Omnis Scientia, 2022.
Dados eletrônicos (pdf).
- “Este livro é resultado do III Congresso de Saúde Mental da UFSCar, II Congresso Internacional Universidade e RAPS e do I Congresso Mirim de Saúde Mental da UFSCar, realizado em São Carlos-SP em outubro de 2019.”
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5854-688-7
DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7
1. Saúde mental - Congressos - Brasil. 2. Política de saúde mental - Brasil. 3. Doenças mentais - Psicologia. I. Conceição, Maycon Leandro da. II. Menezes Junior, Gustavo Emanuel Cerqueira. III. Bleicher Taís. IV. Conejo, Simone Peixoto. V. Título. CDD22: 362.20981

Editora Omnis Scientia

Triunfo – Pernambuco – Brasil

Telefone: +55 (87) 99656-3565

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

NO CERRADO CRESCE UMA FLOR DA FRUTA DO LOBO

Jair Barbosa Neto¹

Estamos vivendo em tempos áridos, com poucos investimentos e pouca valorização do trabalho nas universidades e na saúde, nos vemos em uma situação de menos recursos financeiros, materiais e estruturais, esta falta de investimentos faz lembrar muito o cerrado, que é o tipo de vegetação dominante na região de São Carlos, um ambiente árido, com poucos recursos, onde aconteceu o III Congresso de Saúde Mental da UFSCar.

No cerrado existe uma planta chamada fruta do lobo, ou lobeira, que, por si só, é um contrasenso, se pensarmos no arquétipo de lobo, um carnívoro que caça em matilhas.

Como pode existir uma fruta do lobo?

O lobo é o guará, um lobo diferente, onívoro e solitário, que se alimenta desta fruta e vive no cerrado.

A relação entre eles é ainda mais impressionante, o lobo costuma repousar debaixo da sombra desta planta, que geralmente se desenvolve próxima a formigueiros de saúvas, ele se protege do sol forte, e também, costuma, de vez em quando, fazer suas necessidades por ali, nos caminhos das saúvas. As saúvas coletam as sementes da fruta do lobo que são eliminadas nas fezes do guará, e levam para a entrada dos formigueiros, fazendo assim com que a fruta do lobo seja dispersada pelo cerrado e criando mais lugares de repouso para o lobo guará, mas não é aí que as coisas param, a fruta do lobo possui um tipo de antibiótico natural que controla um verme que afeta os rins dele, controlando assim sua doença.

No cerrado os recursos são poucos, muito sol, pouca água, pouca comida, este tipo de relação entre os seres nos traz uma lição para os ambientes áridos: a colaboração e a interdependência. E, apesar de parecer um arbusto sem graça, a lobeira possui uma flor roxa e amarela linda.

O III CSM da UFSCar nos traz este ensinamento o tempo todo: na aridez, temos que nos unir, caminhar juntos e juntas.

Nos textos que os leitores irão encontrar aqui neste e-book podemos perceber como os relacionamentos estão intimamente ligados à saúde mental, percebemos como a saúde mental pode ser construída ou destruída através das relações humanas e como podemos superar os desafios nos tempos áridos. Naquela época não tínhamos pandemia, mas já estávamos discutindo como construir resiliências.

¹ Doutor. Professor do departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos. Contato: jairbneto@ufscar.br

O nascimento do Congresso de Saúde Mental da UFSCar está descrito de uma forma bem interessante e bastante consistente, ao ler este ebook vocês poderão entender como este congresso surgiu e como foi evoluindo ao longo do tempo, inclusive como surgiu e como se desenvolveu um congresso voltado para as crianças, que aconteceu concomitantemente ao congresso para os adultos, facilitando assim a presença das pessoas que têm filhos participarem do congresso e também a atuação em prol da saúde mental das crianças. Temos também reflexões sobre a loucura e a universidade, a cultura da alta performance, a política e sua relação com a clínica psicossocial, a saúde mental dos estudantes nos tempos de ataques às universidades, a universidade como promotora de saúde e as artes como forma de cuidado e inclusão das pessoas. Nossos coletivos se organizam para o cuidado de si e do outro, fechando o ciclo de ajudar a quem me ajuda, assim, vamos levando nossas vidas, construindo e compartilhando resiliências, transformando nossas necessidades em remédios e reciclando nossas energias! A luta continua, caminhando juntos, nos apoiando e dando espaço para o outro passar!

Caminhar / Rima da Caminhada

Compositores: Geovana / Thaíde

“Caminhar

É dar espaço pra outro passar

Caminhar

É ver um sorriso em cada olhar

Eu quero a sua alegria

A sua felicidade e harmonia com os seus

Eu vou bem muito obrigada

Vivo acá com meus botões

Afinal, todos nós somos filhos de Deus

Se não dá para adiantar, meu bem, não atrasa

Se não dá para adiantar, meu bem, não atrasa

Saia dessa zona de conforto

Nesse mundo faz de conta você não é Peter Pan”

INTRODUÇÃO

Maycon Leandro da Conceição²

Este livro é resultado do III Congresso de Saúde Mental da UFSCar: a importância da interdisciplinaridade frente aos desafios atuais; II Congresso Internacional Universidade e RAPS e do I Congresso Mirim de Saúde Mental da UFSCar, realizado no município de São Carlos- SP em outubro de 2019. Os trabalhos apresentados nesta obra foram redigidos exclusivamente para compor esta coletânea, portanto, são produções acadêmicas originais e inéditas. Assim, o objetivo é trazer debates e reflexões do campo da saúde mental (re) produzidas através de um olhar micropolítico, interdisciplinar, baseados em questões atuais e fundamentais sobre o sofrimento mental da comunidade universitária, dos trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial, saúde mental infanto-juvenil, universidade promotora de saúde, negociações políticas, sociais e culturais da clínica psicossocial, cultura da alta performance e movimentos artísticos culturais envolvendo a inclusão de crianças e adolescentes com deficiência.

A área temática de saúde mental, surge entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, com a redemocratização no Brasil. Sendo marco importantes por transformações vinculados à luta antiproibicionista, da proteção e atenção psicossocial nas últimas quatro décadas. Tais mudanças institucionais, epistemológicas, técnico-assistenciais, jurídico-políticas e socioculturais, caracterizam-se por um processo complexo, heterogêneo, plural, envolvendo diversos marcos legislativos (Leis, Portarias, Notas Técnicas e Decretos), relação entre sociedade e loucura contemporânea e, especialmente, das lutas de resistências movidas por diferentes atores sociais, como usuários dos serviços de saúde mental, familiares, intelectuais, parlamentares, gestores públicos e nos movimentos sociais. (AMARANTE, 2007).

Durante muitas décadas, o Brasil adotou o campo da saúde mental no viés das moralidades, paradigma do proibicionismo e sob o saber psiquiatrizante, designando-se as pessoas e sofrimento mental ao regime de segregação social. Ao longo do percurso de redemocratização da sociedade e mobilização do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial e Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), nos anos de 1980, impulsionaram os ideários do direito à saúde, da atenção integral e da universalidade, articulados ao Movimento Sanitário, consolidando-se com a aprovação da Lei Orgânica da Saúde em 1992, onde foi operacionalizado o Sistema Único de Saúde.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos. Contato : mayconleandro819@gmail.com

Ao longo de vinte anos de implementação da Lei n ° 10.216 de 2001, avançaram iniciativas do modelo biopsicossocial, da expansão de novas prática do cuidado e asseguradas pela Política Nacional de Saúde Mental, responsável pelas diretrizes de políticas públicas no âmbito da Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas, através da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), como os Centros de Atenção Psicossocial, dentre outros serviços. Tais mudanças, implicaram deslocamentos dos sentidos sobre a biomedicalização, ressignificação da loucura e incorporação de outras formas de promoção da saúde mental, por exemplo, com a participação dos atores da universidade, mobilização dos movimentos artísticos-culturais e compreendidos a defesa dos direitos humanos, justiça social e dignidade humana.

Este e-book também pretende contribuir para o debate tão urgente do campo da saúde mental no atual contexto de enfrentamento à pandemia, decorrido por um novo coronavírus (SARS-CoV-2), ocasionando sofrimento e/ou adoecimento individuais e coletivos, impostos pelo “isolamento preventivo e social”. Portanto, analisar as estratégias de ações do Estado em garantir políticas públicas de saúde pública, fortalecimento do Sistema Único de Saúde, das universidades públicas brasileiras, a partir de diversos assuntos e linguagem acessível aqui retratados, sintetizam a produção e aplicação do conhecimento em saúde para o cuidado de base comunitária e do ensino, capacitação e extensão realizados nas universidades.

Esta obra está constituída em nove capítulos, cada um apresentando dimensões diversificada sobre conceitos, conteúdos e compartilhamento de pesquisas, revisões integrativas, ensaios de imagens e memórias, consideradas relevantes para o cenário regional, nacional e internacional. Ressalta-se que os escritos proporcionam diálogos entre trabalhos inseridos nos eixos norteadores: nas experiências interdisciplinares em Saúde Mental; Desafios atuais em Saúde Mental e sistemas universais de saúde; Saúde Mental na universidade: estudantes, técnicos e docentes; Saúde Mental e grupos vulneráveis.

Isto posto, o primeiro capítulo intitulado “Os Congressos de Saúde Mental da UFSCar e seus antecedentes: a coroação de uma história”, de Taís Bleicher, apresenta os apontamentos históricos e, especialmente, a trajetória de transformações e de fortalecimento do congresso, desde a sua primeira edição em 2016. Representando um crucial cenário de encontros entre pesquisadores, discentes, docentes e trabalhadores e movimentos sociais, voltados para a promoção de conhecimentos que envolvem as diversas áreas do campo dedicados ao tema da Saúde Mental. Outro aspecto importante demonstrado pela autora é relativo as ações universidade em promover atividades de ensino, pesquisa, extensão e programas de acolhimento à saúde mental, no âmbito da UFSCar e Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

O capítulo de Amarilio Ferreira Junior, “Elogio da loucura e produção do conhecimento: acumulação de bens simbólicos e sofrimento na universidade”, traz importantes contribuições da literatura de sistematização da área de saúde mental, inseridos no contexto de diferentes

saberes e examina questões da saúde mental dos trabalhadores e saúde mental dos docentes vinculados ao Sistema Federal de Ensino Superior.

Em seguida, Natália Pressuto Pennachioni e Giovanna da Silva Ferreira, em “A vida universitária e suas relações com a saúde mental dos estudantes”, descrevem os desafios e debates relativos as negociações estruturais, políticas, culturais e sociais, e, sobretudo, ao que se refere à permanência dos estudantes nas universidades públicas em interface com o processo de saúde-adoecimento. Nesse sentido, o próximo capítulo “O que é uma universidade promotora de saúde”, de Irma da Silva Brito, Alexandre de Assis Bueno e Renata Alessandra Evangelista, analisam as diretrizes das Universidades e as Instituições de Ensino Superior (UIES). Os autores analisam as contribuições do papel do ensino superior para a sociedade e aprendizagem, competitividade, da inovação e do avanço da tecnologia, valores do regime democrático e na expansão da cidadania, aumento da formação cultural e política da população.

No capítulo intitulado “Saúde Mental do trabalhador da alta performance: o caso do trabalhador em saúde”. Os autores analisam a saúde mental dos trabalhadores na cultura da alta performance e através da perspectiva de uma Nova Gestão Pública. O ensaio traz luz aos debates das consequências do trabalho como instrumentos de produção das subjetividades, sendo, portanto, o trabalho em Saúde e na Educação Permanente em Saúde como projetos e movimentos que influenciam a promoção da capacidade analítica e de coletivos.

Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior, no artigo “Clínica e Política: intersecções necessárias na construção de tecnologias de cuidado na perspectiva psicossocial e da integralidade”, argumenta o protagonismo dos trabalhadores como atores fundamentais nas transformações sociais, culturais e políticas da clínica psicossocial. Ao longo do capítulo o autor propõe demonstrar o percurso de transformações no modelo assistencial em Saúde Mental e o papel dos sujeitos, em suas complexas relações sociais e do sofrimento psíquico.

Posteriormente, o capítulo “Não tão distante dali: a experiência do I Congresso Mirim de Saúde Mental”, compartilham o relato de experiência do primeiro encontro envolvendo o Congresso Mirim, argumentando a importância da promoção em saúde mental para as crianças e adolescentes, com o surgimento de um espaço seguro para que as mesmas expressassem suas percepções em torno da temática em saúde mental. Outro aspecto do Congresso Mirim está relacionado com iniciativas de suporte a estudantes e pesquisadores na UFSCar e entrelaçados com as diretrizes do Programa Nacional de Assistência Estudantil.

Por fim, Raquel Ortega, Alexandre Carneiro e Thamires Campos, em “Estudo de caso: o teatro como ferramenta de intervenção com adolescente diagnosticado com transtorno do espectro autista”, apresentam um estudo de caso relativo aos movimentos artísticos na inclusão social. Para examinar tal reflexão, ressalta-se a importância do trabalho multidisciplinar das áreas de Terapia Ocupacional, Arteterapia e Teatro realizados pelo centro de desenvolvimento humano Inclusione, na cidade de Campinas-SP, cartografia

tal que se propõe a habilitar e reabilitar crianças, jovens e adultos com deficiência na esfera da saúde mental a partir da perspectiva cultural. Ademais, o último capítulo “Luz, Câmera e Inclusão”. Os autores compartilham o caderno de imagens e memória da obra teatral “A nova roupa do rei!”, sendo um instrumento de inclusão através do Teatro Terapêutico.

Almejamos que o e-book contribua para o desenvolvimento da área da saúde mental, compreendidos em diversas abordagens teóricas-metodológicas e interface interdisciplinar com diversos contextos sociopolíticos, sociais e saberes em saúde mental. Nesse sentido, acreditamos que o compartilhamento de experiências dos trabalhos reunidos nesta coletânea, estimule o debate aos estudantes de graduação, pós-graduação, docentes, pesquisadores, público em geral e trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial para contato com as produções científicas sobre a área da saúde.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. /Paulo Amarante. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....17

**OS CONGRESSOS DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR E SEUS ANTECEDENTES: A
COROAÇÃO DE UMA HISTÓRIA**

Taís Bleicher

DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/17-28

CAPÍTULO 2.....29

**ELOGIO DA LOUCURA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: ACUMULAÇÃO DE BENS
SIMBÓLICOS E SOFRIMENTO NA UNIVERSIDADE**

Amarilio Ferreira Junior

DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/29-43

CAPÍTULO 3.....44

**A VIDA UNIVERSITÁRIA E SUAS RELAÇÕES COM A SAÚDE MENTAL DOS
ESTUDANTES**

Natália Pressuto Pennachioni

Giovanna da Silva Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/44-59

CAPÍTULO 4.....60

O QUE É UMA UNIVERSIDADE PROMOTORA DE SAÚDE

Irma da Silva Brito

Alexandre de Assis Bueno

Renata Alessandra Evangelista

DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/60-70

CAPÍTULO 5.....	71
SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR NA CULTURA DA ALTA PERFORMANCE: O CASO DO TRABALHO EM SAÚDE	
Cinira Magali Fortuna	
Maristel Kasper	
Adriana Barbieri Feliciano	
DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/71-83	
CAPÍTULO 6.....	84
CLÍNICA E POLÍTICA: INTERSECÇÕES NECESSÁRIAS NA CONSTRUÇÃO DE TECNOLOGIAS DE CUIDADO NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL E DA INTEGRALIDADE	
Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior	
DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/84-95	
CAPÍTULO 7.....	96
NÃO TÃO DISTANTE DALI: A EXPERIÊNCIA DO I CONGRESSO MIRIM DE SAÚDE MENTAL	
Maria Fernanda Barboza Cid	
Larissa Campagna Martini	
Jacqueline Denubila Costa	
Fernanda de Andrade Leite Fernandes	
Alice Fernandes de Andrade	
Ervelley Moreira dos Santos Cardoso	
Kétlin Cristina Ferreira	
Letícia Lima dos Santos	
Leticia Lorbieski	
Renita de Cássia dos Santos Freitas	
DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/96-107	

CAPÍTULO 8.....108

ESTUDO DE CASO: O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTE DIAGNOSTICADO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Raquel Helena Roland Ortega

Alexandre de Sousa Carneiro

Thamires Romêro Campos

DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/108-117

CAPÍTULO 9.....118

LUZ, CÂMERA E INCLUSÃO

Raquel Helena Roland Ortega

Alexandre de Sousa Carneiro

Thamires Romêro Campos

DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/118-128

ELOGIO DA LOUCURA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: ACUMULAÇÃO DE BENS SIMBÓLICOS E SOFRIMENTO NA UNIVERSIDADE

Amarílio Ferreira Jr.¹⁵

INTRODUÇÃO

Particpei do *III Congresso de Saúde Mental da UFSCar: a importância da interdisciplinariedade frente aos desafios atuais*¹⁶ na condição de presidente da ADUFSCar, o sindicato dos docentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A organização do evento convidou-me para fazer parte da mesa redonda intitulada *A Saúde Mental do Trabalhador*¹⁷. Quando recebi a convocatória, deparei-me, imediatamente, com duas questões a serem resolvidas: saúde mental dos trabalhadores em geral ou saúde mental dos docentes vinculados ao Sistema Federal de Ensino Superior? Decidi-me pela segunda abordagem, o que me parecia mais óbvio. Quanto à segunda questão, não menos complicada: como discursaria sobre saúde mental se tenho formação acadêmica realizada exclusivamente no âmbito das Humanidades? Resolvi que falaria *de fora para dentro*, ou seja, abordaria a temática da saúde mental dos docentes em uma perspectiva das Ciências Humanas e não da Saúde no sentido acurado, até porque não seria capaz de tal proeza. Se a minha abordagem iria trilhar pelo viés das denominadas *artes liberais*, logo outro problema se imporia: pelas lavras de quem eu falaria? Neste caso, confesso que não houve indecisões, a posição assumida teve uma compleição peremptória: fui direto à estante da biblioteca onde estão ordenados os pensadores que considero clássicos. Aqui, estou usando o conceito de “obras clássicas” no mesmo sentido daquele que foi empregado por Norberto Bobbio, ou seja:

15 Doutor em História Social (USP). Pós-Doutorado na University of London (institute of Education). Professor Titular do Departamento de Educação (UFSCar) e Bolsista Produtividade do CNPq. Email: ferreira@ufscar.br

16 ² O III Congresso de Saúde Mental da UFSCar (III CSM) ocorreu na primeira quinzena de outubro de 2019. Portanto, antes mesmo do que viria acontecer a partir de fevereiro de 2020, quando a pandemia do Covid-19 agravou ainda mais as condições de vida e trabalho no âmbito das atividades acadêmicas que desenvolvemos, particularmente, com relação ao ensino remoto. Este artigo, por conseguinte, não abordará as condições de saúde mental dos docentes com base no contexto sanitário mundial que nos assola.

17 A mesa redonda foi compartilhada com as seguintes palestrantes: Prof.^a Dr.^a Alana de Paiva Nogueira Fornereto (UFSCar); Prof.^a Dr.^a Cinira Magali Fortuna (USP-RP) e Gisele Zutin Castelani, representante do SINTUFSCar, o sindicato dos Técnicos Administrativos da UFSCar.

“Considero clássico um escritor ao qual possamos atribuir estas três características: a) seja considerado intérprete autêntico e único do seu próprio tempo, cuja obra seja utilizada como instrumento indispensável para compreendê-lo (...); b) seja sempre atual, de modo que cada época, ou mesmo cada geração, sinta a necessidade de relê-lo e, relendo-o, de interpretá-lo (...); c) tenha construído teorias-modelo das quais nos servimos continuamente para compreender a realidade, até mesmo uma realidade diferente daquela a partir da qual as tenha derivado e à qual as tenha aplicado, e que se tornaram, ao longo dos anos, verdadeiras e próprias categorias mentais (BOBBIO, 2000, p. 130)”.

Após escolher os meus “clássicos”, impus-me a tarefa de reler Erasmo de Rotterdam (*Elogio da loucura*); Sigmund Freud (*O mal-estar da civilização*); Antonio Gramsci (*Americanismo e fordismo*); e Pierre Bourdieu (*O campo científico*). Mas, logo percebi que não bastava solucionar essas questões de forma isolada. Era preciso estabelecer um *filo de Ariadne* que me permitisse transitar pelos labirintos da imensa galeria histórica na qual está marchetada a saúde mental de uma determinada categoria social de trabalhadores: os docentes do Sistema Federal de Ensino Superior.

A opção foi, então, fiar-me à compreensão de Educação que está registrada nas páginas da *Ilíada* de Homero, mais precisamente no Canto IX. Nesta obra matricial da civilização ocidental, está configurada pela primeira vez a concepção omnilateral de homem. Nela, o aedo relata-nos quais foram os fundamentos pedagógicos que Fênix – o preceptor – empregou para educar Aquiles, o mais perfeito guerreiro grego no cerco de Tróia. Na passagem que se segue, o aedo Fênix, em resposta às recusas do seu pupilo Aquiles de continuar combatendo ao lado dos gregos, narra-nos o seguinte:

“Se, nobre Aquiles, de fato pretendes voltar para a pátria, e te recusas, de todo, a livrar os navios acaios [gregos] do voraz fogo, uma vez que ainda a cólera o peito te inflama, como é possível, meu filho, pensares que eu possa ter vida longe de ti? Por Peleu [pai biológico de Aquiles] fui mandado seguir-te, no dia em que de Ftia te enviou para o filho de Atreu, Agamenon, ainda na infância, igualmente inexerto nas guerras penosas e nos discursos das ágoras [assembleias], onde os heróis se enaltecem. Sua intenção [de Peleu] foi que viesse contigo, para que te ensinasse como dizer bons discursos e grandes ações pôr em prática” (HOMERO, 2002, p. 226.).

Foi com base neste excerto da epopéia homérica que se desenvolveu, no mundo ocidental, uma larga *praxis* pedagógica baseada na concepção formativa do ser humano completo, ou seja, aquele que, no sentido moderno, desempenha, a um só tempo, as artes do *fazer* (trabalho) e do *falar* (política), isto é: produz riqueza material e governa. Em outras palavras, a educação prática e intelectual fundamentada na cultura geral (Humanidades),

Tecnológica (Matemática, Física, Química e Biológica) e Ginástica (corpo saudável).

Portanto, a minha participação na mesa redonda do III CSM/UFSCar se fundamentou nas premissas teóricas acima explicitadas. Este capítulo tem como objetivo reconstruir esses parâmetros de forma mais plausível possível no tocante àqueles que verbalizei durante a minha exposição e, por conseguinte, em relação ao respectivo debate que dela se seguiu.

O “HOMEM DE CIÊNCIA” E ADOECIMENTO FÍSICO-COGNITIVO

Tal como já foi afirmado, este capítulo não aborda a categoria social do trabalhador em sentido abstrato; mas, sim, por meio da categoria profissional daqueles que desenvolvem atividades laborais concretas mediante a indissociabilidade existente entre ensino, pesquisa e extensão. Portanto, trata-se da categoria dos professores-pesquisadores das Universidades Federais, particularmente, os que estão submetidos ao mesmo regime de trabalho concernentes à criação de conhecimentos e formação de pessoas em áreas profissionais de natureza universal. Para abordar o mundo profissional do trabalhador acadêmico, utilizarei um fio condutor que esquadrihará a seguinte vereda: as origens históricas do trabalho intelectual a partir da Idade Moderna; o impacto da Revolução Industrial de século XIX no mundo do trabalho imaterial¹⁸; e o produtivismo acadêmico nos marcos do capitalismo neoliberal¹⁹ e suas reverberações para a saúde mental dos docentes.

O advento histórico relacionado ao processo de consolidação das relações mercantis de produção (grandes navegações, reformas religiosas, mercado mundial de mercadorias e renascimento da cultura greco-romana), nos marcos do século XVI, acentuou a dicotomia entre trabalho prático e teórico. A burguesia mercantil promoveu uma ruptura com a cultural prevaiente durante a Idade Média, a começar pelas sete *artes liberais*.

18 Estou usando o conceito de *trabalho imaterial* com o sentido homólogo ao de *trabalho intelectual* (como se fosse uma espécie de *mimese*), ou seja, que manifesta antinomias com o trabalho manual, tal como Marx e Engels a expressaram na obra *A ideologia alemã* (1982, t. I, p. 23 *et seq.*). Essa contradição entre trabalho intelectual (gratificante) e manual (penoso), que se estabelece no interior das relações capitalistas de produção, só poderá ser superada com advento do comunismo, segundo as obras marxianas. Em 1875, Marx voltou a essa temática no seguinte extrato: “Numa fase superior da sociedade comunista, depois de ter desaparecido a servil subordinação dos indivíduos à divisão do trabalho [braçal e intelectual] e, com ela, também se ter tornado, não só meio de vida, mas, ele próprio, a primeira necessidade vital; depois de, com o desenvolvimento omnilateral dos indivíduos, as suas forças produtivas [antes] terem também crescido e todas as fontes manantes da riqueza cooperativa jorrarem com abundância – só então o horizonte estreito do direito burguês poderá ser totalmente ultrapassado e a sociedade poderá inscrever na sua bandeira: De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades” (MARX, 1985, t. III, p. 17.).

19 Sobre as políticas neoliberais aplicadas no campo educacional – em uma perspectiva histórica –, consultar: FERREIRA Jr. & BITTAR (2014, p. 399 *Et seq.*).k

O trívio (Gramática, Dialética e Retórica) e o quadrívio (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música)²⁰ perderam a sua importância diante das relações econômicas que regiam a circulação mundial das mercadorias.

Desta *orbis scibilium* (enciclopédia de saberes), a burguesia mercantil apoderou-se apenas da Gramática e da Aritmética, com as quais ela passou a elaborar o livro de contabilidade referente aos seus negócios. O conhecimento deixava, assim, de ter um caráter aristocrático e contemplativo e passava a ser aplicado e mensurado de acordo com a lógica histórica de acumulação que o capitalismo foi amalhando durante os séculos que se sucederam, a circulação das mercadorias em escala planetária virou o mundo medieval “de cabeça para baixo”. A coabitação entre a escolástica medieval e o conhecimento aplicado às práticas econômicas levaram ao desprezo a “velha cultura” que havia sido imposta por séculos pela Igreja Católica. Assim, o saber enclausurado nos cenóbios e nas universidades – que ficavam alheias à realidade concreta do mundo – foi perdendo prestígio cultural para o empirismo ou a chamada “filosofia da idade industrial” que estava nascendo²¹. Essa dicotomia, que se estabeleceu entre pensadores “modernos” e “antigos” ganhou nas lavras de um humanista renascentista – Erasmo de Rotterdam – uma ácida crítica contra os segundos:

“Voltando, pois, à felicidade dos loucos, devo dizer que eles levam uma vida muito divertida e depois, sem temer nem sentir a morte, voam direitinho para os Campos Elíseos, onde as suas piedosas e fatigadas almazinhas continuam a divertir-se ainda melhor do que antes. Confrontai, agora, a condição de qualquer sábio com a de um tolo. Imaginai, figurai um homem venerável, verdadeiro modelo de sabedoria, e observai como faz a sua passagem pela terra. Constrangido desde a infância a consagrar-se ao estudo, passa a flor dos anos nas vigílias, nas aflições, na mais assídua fadiga; e, mal sai dessa dura escravidão, acha-se ainda mais infeliz do que nunca. Por isso é que, devendo viver com economia, com moderação, com tristeza, com severidade, ele se torna cruel e pesado a si mesmo, incômodo e insuportável aos outros. Pálido, magro, enfermiço, remelento, fraco, encarnecido, velho antes do tempo, termina uma vida infeliz com a morte prematura. Mas que importa ao sábio morrer moço ou velho, quando se pode afirmar, com toda razão, que nunca viveu? Com efeito, não se pode falar em viver quando não se gozam todos os prazeres da vida. Que vos parece, agora, esse belo retrato do sábio? Agrada-vos?” (ERASMOS, 1972, p. 59-60).

20 Sobre o impacto das sete *artes liberais* (trívio e quadrívio) no contexto da cultura medieval, digno de nota é: MANACORDA (2002, p. 126 Et seq.).

21 A respeito de empirismo científico, consultar: BACON (1984, p. 93 Et seq.).

Nessa passagem da obra *Elogio da loucura*, Erasmo empregou duros adjetivos para qualificar a vida do pensador escolástico, ou seja, carregada de sofrimento e doenças, todas decorrentes da vida monástica que era obrigado a levar para poder acumular os conhecimentos contidos na *orbis scibilium* medieval; que, contudo, era considerado um saber estéril e inútil para os interesses da burguesia ascendente. Portanto, qualquer “tolo” que vivia a seguir “alegremente” a circulação das mercadorias não precisava dedicar uma vida de padecimento e mortificação, para tanto bastavam a leitura, a escrita (Gramática) e a Aritmética (somar, subtrair, multiplicar e dividir).

Assim sendo, desde a modernidade imposta pelo processo de acumulação primitiva do capital, o saber não era apenas poder econômico e político, mas também fonte de mal-estar para a saúde física e mental do intelectual, pois a lógica do desenvolvimento das forças produtivas (que revolucionam incessantemente a força de trabalho, as máquinas ferramentas e as matérias primas) impõe uma racionalidade na qual os conhecimentos especulativos, de cunho escatológico, perdem prestígio frente àqueles que são operados para garantir a existência material da sociedade.

A revolução Industrial do século XIX açulou ainda mais o processo histórico referente à produção do conhecimento no âmbito das ciências da natureza e a sua aplicação à lógica de acumulação e concentração do capital. Deste modo, as forças produtivas foram catapultadas a um patamar de desenvolvimento nunca antes imaginado pela humanidade. Pois, a concepção metodológica do empirismo aplicada à Química, Física, Biologia e Matemática revolucionou as máquinas, ferramentas, primeiramente, por meio do vapor e depois pela rede de fios elétricos, que serviu de base tecnológica para a grande industrial criada pela burguesia. Mas, as relações capitalistas de produção não mudaram apenas o modo de produção das mercadorias, a criação do mercado mundial após as grandes descobertas marítimas do século XVI, revolucionou também a própria circulação (comércio) das mesmas, mediante a navegação e as comunicações. Assim, tudo proveniente do conhecimento humano foi capturado pela razão que animava a reprodução do capital. Ou como afirmaram Marx e Engels no libelo de 1844:

“A burguesia despiu todas as atividades até aqui veneráveis e estimadas com piedosa reverência da sua aparência sagrada. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência em trabalhadores assalariados pagos por ela” (MARX & ENGELS, 1982, p. 109. v. I).

Assim sendo, depreende-se que o labor do “homem de ciência” foi empregado massivamente para impulsionar os conhecimentos naturais que vivificavam os instrumentos de trabalho e impulsionavam o acelerado curso de desenvolvimento das forças produtivas e, por conseguinte, a acumulação do lucro amealhado pelos capitalistas. Neste contexto

histórico, as Ciências Humanas também assumiram outra ressignificação por causa dos novos fenômenos societários engendrados pelas contradições entre o capital e o trabalho. Portanto, ao contrário do renascimento cultural dos séculos XV e XVI, as Ciências Humanas foram instadas a dar respostas teóricas à altura dos acontecimentos que burgueses e proletários protagonizaram no processo da luta de classes.

Da filosofia política iluminista liberal de Voltaire (François-Marie Arouet) ao positivismo de Augusto Comte, que preconizava a reorganização da sociedade capitalista²²; da economia política britânica (Adam Smith, John Stuart Mill e David Ricardo) à obra *O capital* (1876) de Karl Marx, que desvelaram a essência das relações capitalistas de produção; e de Emile Durkheim (*Da divisão do trabalho social* – 1893) a Marx Weber (*A ética protestante e o espírito do capitalismo* – 1905), que consolidaram a perspectiva sociológica da integridade e coerência da sociedade capitalista: as Ciências Humanas deram grandes contributos científicos e ideológicos para a compreensão das sociedades urbano-industriais surgentes. O advento das ideias liberais e socialistas, pelas quais se expressavam a luta de classes entre burgueses e proletários, só foi possível por causa do desenvolvimento das Ciências Humanas na virada entre os séculos XIX e XX.

O desenvolvimento dos conhecimentos humanos e naturais, levado a cabo pelos “homens de ciência”, contribuiu também para empurrar as sociedades capitalistas em direção a um acontecimento macabro: a I Guerra Mundial (1914-1918). O “mal-estar civilizatório” daí decorrente – mortes de milhões de seres humanos e destruição das próprias forças produtivas – provocou um profundo ceticismo em relação à lógica societária burguesa e à própria produção das ciências a serviço do capital. O sofrimento físico e mental decorrente dessa catástrofe mundial impeliu um dos mais importantes intelectuais do século XX – Sigmund Freud – a propor uma “válvula de escape para a panela de pressão” na qual a sociedade capitalista estava mergulhada²³. Em 1930, ele admoestava:

22 Para uma visão acurada da aplicação do positivismo no âmbito das Ciências Humanas, examinar a obra *Reorganizar a sociedade* (COMTE, 1822).

23 Sobre o sofrimento em tempos de guerra e paz, meritório de consulta é: *Reflexões para os tempos de guerra e paz* (FREUD, 1977).

“Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido (impulso sexual, energia que impulsiona os instintos) que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que iludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem ‘mais refinadas e mais altas’” (FREUD, 1978, p. 143).

Visando esmaecer as “frustrações do mundo externo” – a sociedade capitalista com suas contradições –, Freud propunha a domesticação cultural ou interdição autoritária do “impulso sexual, energia que impulsiona os instintos”, como forma de mitigar *O mal-estar da civilização*. Assim, a “sublimação dos instintos” animais poderia possibilitar, no contexto societário assentado na propriedade privada dos meios de produção, o acrisolamento dos males que levam ao adoecimento físico e mental. Direcionar a libido (instintos sexuais e outros) para a perspectiva lúdica e criativa – ou seja: para as “fontes do trabalho psíquico e intelectual” que geram prazeres imensuráveis – pode aplacar, por exemplo, a consciência dos “cientistas que solucionam problemas ou descobrem verdades” que têm a capacidade de exterminar outros homens. Portanto, o conhecimento científico, assim, ganha uma aura de “prazer neutro”, acima do bem ou do mal. Ou mesmo, quando esse mesmo conhecimento é produzido no âmbito de um determinado campo científico no qual os pares não comensuram a concorrência desleal que produz a ausência das virtudes morais (sabedoria, coragem, justiça e temperança). Desse modo, a “felicidade neutra” no âmbito de uma sociedade de classes sociais antagonica sempre cobra o seu preço humano e social. Em regra, ele cobra a fatura na forma de exaspero psíquico e físico.

Na mesma década de 1930 do século XX, outro grande pensador refletia sobre as diferenças culturais existentes entre a Europa e os EUA que se manifestavam no âmbito das relações sociais de produção. Em *Americanismo e fordismo* (1934), Gramsci assinalava o custo humano do trabalho individual e coletivo – as condições físicas, cognitivas e afetivas – impostas pelo contexto da linha de montagem fordista²⁴.

24 Para uma leitura estética do fordismo, assistir a uma das obras-primas do cinema no século XX: *Tempos Modernos* (CHAPLIN, 1936).

Para o sardo, as inovações técnicas e organizacionais que se articulavam na linha de montagem da fábrica de automóveis *Ford Motor Company* (1903) gerava uma total partição entre concepção (criação do conhecimento tecnológico) e execução (o trabalho humano socialmente fragmentado).

As consequências daí desinentes, proliferadas pela antinomia existente entre concepção (homens de ciência situados fora da linha de produção) e execução (operários presos à esteira rolante repetitiva e monótona), produziam doenças e sofrimentos nos trabalhadores braçais:

“Mas todo novo modo de viver, no período em que se impõe a luta contra o velho, não foi sempre, durante certo tempo, o resultado de uma coerção mecânica? Até mesmo os instintos que hoje devem ser superados como ainda demasiadamente ‘animalescos’ foram, na realidade, um notável progresso em relação aos anteriores, ainda mais primitivos: quem poderia descrever o ‘custo’, em vidas humanas e em dolorosas repressões dos instintos, da passagem do nomadismo à vida sedentária e agrícola? Aqui se inserem as primeiras formas de servidão da gleba e das profissões, etc. Até agora, todas as mudanças do modo de ser e viver tiveram lugar através de coerção brutal, ou seja, através do domínio de um grupo social sobre todas as forças produtivas da sociedade: a seleção ou ‘educação’ do homem adequado aos novos tipos de civilização, isto é, às novas formas de produção e de trabalho, ocorreu com o emprego de inauditas brutalidades, lançando no inferno das subclasses os débeis e os refratários, ou eliminando-os inteiramente” (GRAMSCI, 2001, p. 262-263).

Para o pensador da *filosofia da praxis*, o “custo” do processo civilizatório impulsionado pelo desenvolvimento das forças produtivas cobrava um preço “inaudito em vidas humanas”, que eram sacrificadas no altar da libido sufocada, por meio de uma rígida disciplina (coerção brutal), pelos desejos e prazeres não granjeados no cotidiano da vida fabril plasmada na morbidez de uma atmosfera taciturna. Aqueles que não “educassem seus impulsos primitivos e animalescos” em nome do “novo modo de viver” deviam ser “eliminados inteiramente”, ou seja, os considerados “débeis e refratários aos novos tipos de civilização”. Após a II Guerra Mundial (1939-1945), a divisão social do trabalho se acentuou ainda mais no mundo capitalista. A chamada *Revolução Técnico-Científica* (energia nuclear, microbiologia e microeletrônica) acelerou de forma estrutural o modo de produção baseado na propriedade privada dos instrumentos de trabalho, isto é, as máquinas ferramentas vão de maneira acelerada “roubando tecnologicamente” as qualificações do trabalho vivo e, por consequência, impondo uma velocidade e ritmo no processo produtivo que se automatizavam em relação à própria força de trabalho.

Essas congruências que animam a essência das relações capitalistas de produção foram transportadas de forma quase mecânica para o mundo da produção de conhecimentos acadêmicos e, portanto, com todos os seus danos nefastos físicos e mentais relacionados com sofrimento e doenças. Pierre Bourdieu, um dos mais importantes sociólogos da segunda metade do século XX, estabeleceu de forma clara e precisa as analogias que se manifestam entre *acumulação do capital produtivo/financeiro* e a *acumulação do capital científico*. No segundo caso, o sociólogo francês explicitou que:

“A luta pela autoridade científica, espécie particular de capital social que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e que pode ser reconvertido em outras espécies de capital, deve o essencial de suas características ao fato de que os produtores tendem, quanta maior for a autonomia do campo, a só ter como possíveis clientes seus próprios concorrentes. Isto significa que, num campo científico fortemente autônomo, um produtor particular só pode esperar o reconhecimento do valor de seus produtos (‘reputação’, ‘prestígio’, ‘autoridade’, ‘competência’, etc.) dos outros produtores que, sendo também seus concorrentes. São os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame. De fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos. E também de direito: aquele que faz apelo a uma autoridade exterior ao campo só pode atrair sobre si o descrédito. Muito semelhante, sob este aspecto, a um campo artístico fortemente autônomo, o campo científico deve, entre outras coisas, sua especificidade ao fato de que os concorrentes não podem contentar-se em se distinguir de seus predecessores já reconhecidos. Eles são obrigados, sob pena de se tornarem ultrapassados e ‘desqualificados’, a integrar suas aquisições na construção distinta e distintiva que os supera” (BOURDIEU, 1976. p. 127).

“Capital social”, “valor dos produtos”, “concorrentes” e “desqualificados” são, por exemplo, termos emprestados da economia política. Por esse fragmento da lavra de Bourdieu, pode-se concluir que o “homem de ciência” está submetido aos mesmos nexos societários que as relações sociais de produção engendram, ou seja, como a concorrência manifesta no âmago do próprio capital de forma a aumentar sucessivamente a taxa de lucro dos detentores dos meios de produção. Portanto, a “reputação”, o “prestígio”, a “autoridade” e “competência” dos professores-pesquisadores – submetidos à racionalidade da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – materializam-se por meio da concorrência que eles estabelecem com os seus respectivos pares.

Essa competição desenfreada é intensificada pela indução, por exemplo, das agências estatais de financiamentos, grandes empresas capitalistas, doações financeiras privadas e também por meio dos comitês científicos dos periódicos que certificam o “valor dos produtos” ou “capital social” acumulados pelos “homens de ciência”²⁵.

Os bens simbólicos (créditos científicos) ou materiais gerados e acumulados pelos professores-pesquisadores determinam, em última instância, a correlação de força que perpassam os campos científicos, estabelecendo, assim, hegemonias e monopólios das ciências em mãos de poucos grupos de pesquisa – ou como diria Nietzsche: na ganância dos “oligarcas do espírito”²⁶. Daí escoa uma intensa luta concorrencial entre os pares pelo controle dos aparelhos estatais e privados que estruturam a hierarquização das políticas e de financiamentos dos campos científicos.

No contexto da hegemonia exercida pelas políticas neoliberais estatais – que promovem sistemáticos cortes financeiros públicos para a educação e a pesquisa –, a concorrência entre os “homens de ciência” aumenta de forma exponencial. Não só entre as denominadas genericamente “ciências práticas e teóricas”, mas também nos âmbitos específicos de cada uma dessas grandes áreas do conhecimento humano. A começar pelo estabelecimento da “hierarquia social dos objetos de pesquisas”²⁷ – imposta pelos grupos que detêm o monopólio do saber no interior dos campos científicos –, os campos científicos são fontes inesgotáveis de sofrimento e adoecimento dos professores-pesquisadores. A prevalência de uma espécie de *censura ideológica ou política*, que estabelece quais são os “objetos legítimos, legitimáveis ou indignos” (BOURDIEU, 2003, p. 33), transforma a vida cotidiana dos pesquisadores acadêmicos na “antessala do inferno dantesco”.

25 Para se entender como o capital privado pode financiar a constituição de Institutos, Escolas ou grupos de pesquisas, um exemplo emblemático pode ser aquele ligado à criação do Instituto de Pesquisa Social vinculado à Universidade de Frankfurt, em 1923. O dramaturgo alemão Bertholt Brecht (1898-1956) se referiu à fundação da chamada “Escola de Frankfurt” assim: “um velho rico (especulador de trigo) morre, angustiado com a miséria do mundo. Ele doa, em seu testamento, uma quantia respeitável de sua fortuna para a fundação de um instituto que deve investigar as fontes dessa miséria, que se encontra, obviamente, em si mesmo” (BRECHT *apud* FREITAG, 1988, p. 12).

26 Referindo-se ao mundo cultural dos filósofos gregos da Antiguidade clássica, o pensador alemão da segunda metade do século XIX, na obra *Humano, demasiado humano* (1878), utilizou a expressão “os oligarcas do espírito” em oposição ao “caráter oclocrático do semi-espírito e da semicultura”, ou seja: “nas esferas da cultura superior terá de haver sempre, sem dúvida, um domínio – mas esse domínio, de agora em diante, está nas mãos dos oligarcas do espírito” (NIETZSCHE, 1978, p. 110).

27 A respeito da “hierarquia social dos objetos de pesquisa”, examinar: BOURDIEU (2003, p. 33 Et seq.).

Produtividade desassossegada, avaliações pelos pares, prazos de publicações, *rankings* de qualidade, conquistas de prêmios (capitais simbólicos), legitimação intelectual e outros flagelos burocráticos²⁸, levam os professores-pesquisadores a uma alta taxa de frustrações, humilhações e sofrimentos físicos e cognitivos – um sentimento de *injustiça* reina nos *campi* universitários. Ou como afirmou o próprio sociólogo francês:

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (BOURDIEU, 1983, p.122-123).

Aqueles aliados, por meio da “luta concorrencial” imposta pelo “monopólio da autoridade científica”, padecem no purgatório e andam como fantasmas que carregam bolas de ferros presas às pernas pelos cavernosos labirintos dos campos científicos. Eles padecem de um profundo “mal-estar civilizatório” e têm suas libidos, relacionadas ao prazer e à criatividade, massacradas pelo penoso epíteto de “improdutivos”. Para o mundo acadêmico coetâneo, o que vale é apenas a produção incessante de novos conhecimentos – mesmo que reincidentes e não aplicados –, a reprodução dos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade fica relegado a um segundo plano com muito pouco prestígio e reputação.

CONCLUSÃO

A atmosfera carregada de egos alienados – em relação ao contexto capitalista no qual a Universidade está inserida – engendra uma concepção de produção acadêmica que, contraditoriamente, perde o seu sentido ontológico em relação à própria natureza do conhecimento concebido. Assim, o produto (objeto pesquisado) se descola do produtor (sujeito da pesquisa) e ganha uma ressignificação baseada no estranhamento do “homem de ciência”. A reificação da subjetividade do pesquisador faz com que ele perca o controle sobre a sua capacidade criativa e de deleitamento em relação ao “bem simbólico” que

28 O físico Rogério Cerqueira Leite aludindo ao papel infausto que a burocracia assumiu no âmbito da Universidade, vaticinou: “O único tipo de papel que deve circular desembaraçadamente em uma Universidade é aquele que comunica resultados científicos ou estudos de natureza cultural. Processos, ofícios etc., são um mal necessário que só se justificam quando usados com parcimônia, por motivos eminentemente práticos” (LEITE, 1980, p. 23).

foi projetado. Logo, todo o conhecimento (teórico e tecnológico) se desmancha no ar, como fumaça ao vento: seja em função da lógica imposta pelo produtivismo acadêmico hierarquizado pelas agências financiadoras; seja no revolucionamento incessante das forças produtivas (força de trabalho, máquinas ferramentas e matérias primas).

A prossecução interminável de frustrações geradas por um conjunto de burocráticas “maquinarias acadêmicas” – especializações precoces, generalismos inócuos, avaliações dos pares, *rankings* dos periódicos, financiamentos, etc. – tem levado ao adoecimento físico e mental dos professores-pesquisadores no âmbito das comunidades acadêmicas. Por conseguinte, fica desarraigada a possibilidade histórica, ainda nos arcos da sociedade capitalista, de nos aproximarmos da condição assentada na perspectiva da existência omnilateral, já que o mundo acadêmico se constitui em um escaninho que combina tempo com conhecimento. Dito de outra forma: a Universidade fundada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão possibilita transformar o tempo de trabalho produtivo do professor-pesquisador em uma espécie de “ócio produtivo”²⁹, tal como os gregos da Antiguidade clássica utilizavam para desenvolver a omnilateralidade do cidadão que frequentava a ágora. A equação abaixo pode felicitar um entendimento do que poderia vir a ser a formação da omnilateralidade no contexto histórico da modernidade:

$$\frac{\text{Arte do Fazer (Trabalho) + Arte do Falar (Política) + Ginástica (Corpo Saudável)}}{\text{Tempo Livre (Ócio Produtivo)}}$$

Portanto, a combinação entre a *arte do fazer* (cultura, humanidades e tecnologia), a *arte do falar* (política no sentido amplo das relações sociais) e *ginástica* (preparação e manutenção do corpo saudável) depende de forma entranhada da possibilidade de existência do tempo livre no âmbito das relações capitalistas de produção. A diferença entre um operário fabril e um professor-pesquisador não se manifesta apenas da antinomia entre trabalho produtivo e trabalho intelectual, mas, sobretudo, na possibilidade que o segundo tem de transformar o seu tempo de trabalho em “ócio produtivo” (no sentido grego), ou seja, transformar a produção do conhecimento em atividade criativa e prazerosa tanto no âmbito do ensino como da pesquisa acadêmica. A obtenção de uma média societária de tempo livre igual e universal para todos (cidadãos e cidadãs) não é possível de ser alcançada no contexto das relações capitalistas de produção.

29 Duas referências para uma compreensão do significado de “ócio produtivo” no contexto da cultura clássica da Antiguidade grega tanto em relação ao ponto de vista filosófico como histórico: ARISTÓTELES (1988, p. 267 Et. seq.) & MANACORDA (2002, p. 41 Et. seq.).

Contudo, a “linha de montagem fordista” em que se transformou o produtivismo acadêmico rompeu com qualquer possibilidade de transformar a criação de conhecimentos culturais, científicos e tecnológicos em uma libido geradora de fruição do prazer intelectual e do “bem-estar civilizatório”. Ao contrário, o mundo acadêmico transformou-se em uma verdadeira usina de adoecimento físico e mental que contamina sistematicamente o professor-pesquisador – em decorrência da sensação de estranhamento que o mesmo mantém com o seu mundo circundante – e, por conseguinte, de uma figura muito próxima, em termos de semelhança, ao sábio da escolástica medieval retratado na obra *Elogio da loucura*.

Destarte, podemos concluir que desde o século XII – quando surgiu a Universidade na Europa – aos tempos hodiernos, a produção do conhecimento (cultural, científico e tecnológico) sempre esteve ligado aos processos de disputas intelectuais sobre o lúdimo significado contido na seguinte questão: o que é a verdade? A Universidade de Paris, que ficou famosa nos séculos que se sucederam, desenvolveu o método denominado *disputatio*, fundado na lógica do silogismo aristotélico (apodítico, demonstrativo e necessário). Contudo, ele levava, por sua vez, os contendores (clérigos e estudantes) à exaustão intelectual e física em um contexto no qual ainda não havia a imprensa, ou seja, uma Universidade sem livros impressos. Por isso, nesse distante passado, o resultado final dos intermináveis debates dependia dos copistas e suas iluminuras. Nesse interregno, o autor da monumental *Súmula teológica* – São Tomás de Aquino (1225-1274) – foi a maior expressão intelectual da Universidade medieval. No momento seguinte, com o advento da imprensa (século XV), que revolucionou a circulação das ideias (conhecimentos), aumentou ainda mais a reputação da autoridade conferida aos intelectuais escolásticos. No cenário da transição entre o medievo e a modernidade, a Universidade passou a defender um ideal conservador que se fortaleceu com o renascimento, em que todo conhecimento era falado e escrito em latim. A exaltação estava não propriamente na busca da verdade, mas, sobretudo, no acúmulo do conhecimento e no ensimesmamento físico e psicológico dos pensadores, como se fosse um “retiro espiritual” que purgava os “pecados” dos grandes mestres que viviam no limbo da sabedoria. Neste ambiente, o que prevalecia era a incerteza e a insegurança, dois elementos estruturais do sofrimento existencial.

No século XIX, o Barão Wilhelm von Humboldt (1767-1835) idealizou e implementou, na Universidade de Berlim (1810), a concepção baseada na indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Essa nascente Instituição de pesquisa logo foi se tornando uma referência para outras Universidades europeias e norte-americanas. Em um contexto marcado pela aceleração das relações de produção capitalistas, ela gerou uma obsessão cultural e política por novos conhecimentos advindos das pesquisas empíricas e básicas (teorias científicas não aplicadas na imediatidade), transformou a Universidade no “território predileto” do pesquisador individualista, autárquico e isolado nos laboratórios, bibliotecas e dédalos da burocracia acadêmica. Uma das consequências derivadas dessa nova concepção de Universidade foi a atomização dos professores-pesquisadores em campos

científicos – fechados e autônomos – marcados pelas dissidências acadêmicas e ações políticas, assim, levando para o seu interior enormes desgastes físicos e cognitivos para os membros das comunidades de pesquisadores. Mas, o custo do vertiginoso progresso cultural, científico e tecnológico proporcionado, historicamente, pela Universidade tem no sofrimento do professor-pesquisador uma das suas marcas indeléveis desde os tempos medievais.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. 2ª Ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília- UNB, 1988.

BACON, F. **Novum organum**. 3ª Ed. Tradução: José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

BOBBIO, N. **Teoria geral da política**: a filosofia política e as lições dos clássicos. Tradução: Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Elsevier / Editora Campus, 2000.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

BOURDIEU, P. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

COMTE, A. **Reorganizar a sociedade**. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores, 1977.

FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. O “manifesto neoliberal” que anunciou as políticas educacionais implantadas pelos governos de Margaret Thatcher (1979-1990). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 14, p. 399-410, 2014.

FREITAG, B. **A teoria crítica**: ontem e hoje. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FREUD, S. **Reflexões para os tempos de guerra e paz**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

GRAMSCI, A. Americanismo e fordismo. In: _____. **Cadernos do cárcere**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

HAYASHI, C. R. M.; FERREIRA Jr., A. A comunidade científica em educação: uma abordagem crítica. **Série-Estudos**. n. 23, p. 11-27, jan./jun. 2007.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

LEITE, R. C. C. **As sete pragas da Universidade brasileira**. 2ª Ed. São Paulo: Duas cidades, 1980.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. 10ª Ed. São

Paulo: Cortez 2002.

MARX, K.; ENGELS, Friedrich. Feuerbach. Oposição das concepções materialista e idealista (Primeiro capítulo de A Ideologia Alemã). In: MARX & ENGELS. **Obras escolhidas em três tomos**. Lisboa: Edições “Avante!”; Moscovo: Edições Progresso, 1982. t. I, p. 4-75.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. In: MARX & ENGELS. **Obras escolhidas em três tomos**. Lisboa: Edições “Avante!”; Moscovo: Edições Progresso, 1982. t. I. p. 95-136.

MARX, K. Crítica do Programa de Gota. In: MARX & ENGELS. **Obras escolhidas em três tomos**. Lisboa: Edições “Avante!”; Moscovo: Edições Progresso, 1985. t. III, p. 4-75.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiadamente humano**: um livro para espíritos livres. 2. Ed. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 83-119. (Coleção Os pensadores).

ROTTERDAM, E. **Elogio da loucura**. 3ª Ed. Tradução: Paulo M. Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores). TEMPOS modernos. Direção/Produção: **Charlie Chaplin**. Local: Los Angeles (EUA). 193

Índice Reissivo

A

- Ação do profissional 86
- Accountability (responsabilização individual do trabalhador) 71, 75
- Aceitação 104, 118
- Acessibilidade 120
- Agressão física 109
- A importância da interdisciplinaridade 10, 17, 23, 25, 27, 71
- Aprofundamento dos valores 60, 67
- Aritmética 32, 33
- Arte 40, 108, 110, 111, 116, 117, 118
- Arteterapia 12, 108, 116
- Atenção à saúde 17
- Atenção psicossocial 10, 11, 13, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 53, 88, 93, 94, 95
- Atendimentos domiciliares 109
- Atores com deficiência 118
- Atores e público 118
- Autonomia individual e coletiva 85
- Avaliação 48, 51, 63, 64, 65, 78, 90, 92, 97, 99
- Avanço da tecnologia 12, 60, 67

C

- Cargos de gestão 60, 78
- Clínica política 84, 93
- Clínica psicossocial 8, 10, 12, 84, 93
- Clínica-saúde coletiva 85
- Comportamento 53, 58, 61, 67, 69, 109, 112, 114, 115
- Congresso de saúde mental 5, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 71, 97, 98, 105
- Congresso internacional 5, 10, 17, 23, 24, 27
- Congresso mirim de saúde mental 10, 12, 17, 23, 25, 97, 98, 101
- Contabilidade 32, 78
- Criação de conhecimentos 31, 40
- Crianças 8, 10, 12, 18, 26, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 116
- Cultura 8, 10, 12, 27, 30, 32, 38, 40, 45, 47, 51, 52, 53, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 76, 84, 86, 108
- Cultura da alta performance 8, 10, 12, 71, 74
- Cultura do desempenho 45, 47

D

- Déficit na comunicação social 108
- Democracia 53, 60, 67
- Desenvolvimento da cidadania 60, 67

Desenvolvimento da comunidade 60
Dinâmica social 85
Docentes 11, 13, 25, 26, 29, 30, 31, 77

E

Educação permanente em saúde 12, 71, 80, 81
Empatia 99, 112, 113, 115, 118
Enfermagem 17, 18, 19, 25, 27, 28, 44, 58, 60, 70, 71, 82, 84, 96
Ensino 11, 12, 18, 26, 29, 31, 37, 39, 40, 41, 45, 46, 57, 59, 64, 66, 68, 70, 116
Ensino superior 12, 17, 20, 27, 28, 45, 53, 58, 60, 61, 63, 64, 67, 69
Etnias 109
Extensão 11, 18, 19, 21, 22, 26, 31, 37, 39, 66, 105

F

Falar de arte 108
Ferramenta de transformação humana 110
Formação cultural e política 12, 60, 67
Formação de pessoas 31
Função social 60

G

Gestão pública 12, 71, 72, 81
Gramática 32, 33

I

Inclusão 13, 120
Inovação 12, 25, 60, 64, 66, 67, 69
Instituições 18, 20, 25, 45, 53, 61, 62, 63, 64, 65, 73, 77, 82, 86, 88, 90, 97, 111
Interação social 79, 108, 110, 111

L

Liberdade 76, 78, 80, 85, 91, 92, 111, 123
Linguagem 11, 92, 108, 110

M

Macrocontexto 86
Macropolítica 86
Medicina 7, 17, 18, 19, 65, 96, 106, 107
Meritocracia 45
Microcontexto 86
Micropolítica 86

O

Odontologia 17
O poder da representatividade 128
Organizações sociais 18, 45

P

Padrões restritos e repetitivos de comportamento 108
Pesquisa 11, 17, 18, 20, 26, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 47, 48, 49, 64, 65, 66, 67, 69, 96, 108, 110
Planejamento 67, 97, 98, 99, 105
Processo saúde-doença 44, 47, 56
Processo terapêutico nas aulas de teatro 109
Professores-pesquisadores 31, 37, 38, 39
Psicologia 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 82, 94, 96, 117

R

Realização 23, 25, 52, 97, 98, 101
Reforma psiquiátrica brasileira 86, 88
Relações sociais 12, 35, 37, 40, 85, 110
Relato da experiência 97

S

Saúde dos trabalhadores 20, 71, 72, 76
Saúde mental 10, 11, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 58, 71, 75, 85, 87, 89, 94, 96, 100, 101, 106
Saúde mental dos trabalhadores 11, 12, 29, 72, 79, 81
Saúde mental infanto-juvenil 10, 97, 106, 107
Síndrome de down 109
Sistema de saúde 86, 90, 95
Sistema federal de ensino superior 11, 29, 30
Sociedade civil 25, 60, 62
Sofrimento psíquico 12, 19, 20, 26, 57, 83, 85, 91
Superação 88, 92, 118

T

Teatro 12, 106, 108, 116, 118
Teatro inclusivo 118
Teatro inclusivo e terapêutico 109
Teatro terapêutico 109, 112
Terapia comportamental 109
Terapia ocupacional 12, 17, 18, 19, 94, 96, 108, 110, 118
Trabalhador acadêmico 31
Trabalho em saúde 12, 71, 78, 79, 80, 81
Trabalho multidisciplinar 12, 108
Transtorno do espectro autista (tea) 108

U

Universidades 12, 31, 41, 45, 46, 51, 60, 61, 63, 64, 68
Universidades federais 31



editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 





editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 

